

## MULHERES NA CAPOEIRA ANGOLA: ENTRE UMA PRÁTICA CULTURAL E A CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADES

### *Eixo Temático 30 - Práticas Corporais: Diálogos com Gênero, Corpo e Sexualidade*

Sandy Cristine Prata de Oliveira <sup>1</sup>  
Vagner Matias do Prado <sup>2</sup>

#### RESUMO

O presente trabalho pretende provocar discussões sobre a Capoeira Angola como um espaço da construção de si entre mulheres praticantes. O objetivo foi descrever como mulheres praticantes de Capoeira Angola, de um grupo sediado em um município do estado de Minas Gerais, representam a prática e se reconhecem como capoeiristas. Problematizamos respostas de quatro mulheres sobre a pergunta: “Como você se reconhece sendo Capoeirista?”. As mulheres participantes representam a Capoeira para além de seus procedimentos técnicos e táticos, uma vez que envolve história, resistência e tradição. Reconhecerem-se como capoeiristas remete a compreenderem que a formação na Capoeira Angola é uma processualidade que demanda dedicação, estudo, prática e reconstrução de suas subjetividades.

**Palavras-chave:** Gênero, Mulher, Capoeira Angola.

#### INTRODUÇÃO

A presente investigação, em nível de Iniciação Científica, se insere nas discussões sobre Educação Física e suas relações com o campo dos estudos de gênero em intersecção com a ideia de “raça”. A proposta contou com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a intenção foi questionar o ponto de vista de mulheres pretas e não pretas sobre suas posições sociais nas práticas corporais e esportivas. Mais especificamente, como nos locais destinados à prática da Capoeira Angola,

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, [sandyprata13@gmail.com](mailto:sandyprata13@gmail.com);

<sup>2</sup> Docente do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, [vagner.prado@ufu.br](mailto:vagner.prado@ufu.br).

as mulheres se relacionam e estabelecem conexões entre si e a prática exercida.

Segundo Mestra Janja (ARAÚJO, 1999) a palavra Capoeira tem origem tupi e refere-se a uma vegetação rasteira, nascida após a derrubada de uma floresta. Este nome foi o escolhido para nomear um *jogo*, entre a dança, a luta, a ritualidade e a teatralidade, que acontecia nas fazendas e localidades no Brasil, para onde foram levadas as primeiras pessoas de origem africana, escravizadas no período colonial.

A Capoeira era praticada nos quilombos, senzalas e ruas. Com o passar do tempo, em 1988, com a “abolição oficial da escravidão”, ela foi interpretada pelo Estado brasileiro como uma ameaça, que reunia pessoas pretas “ex-escravizadas/os”. De imediato, foram elaboradas leis que reprimiram à capoeiragem, tornando sua prática um ato ilegal, inscrita no Código Criminal de 1890 e punível com a prisão, o que associou essa manifestação a marginalidade (FONSECA, [s. d.]).

Em 2014 a Capoeira foi reconhecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) como um patrimônio cultural imaterial da Humanidade, se tornando uma das maiores referências de cultura brasileira pelo mundo. Hoje, ela é praticada em diversos países e, apesar das subjetividades de quem a pratica, sua vivência é mantida como um espaço de valores e respeito à ancestralidade africana, conforme os compartilhamentos dos saberes do povo preto, suas lutas, gingas, suas mandingas e malandragens.

No que se refere às mulheres, a História da Capoeira conta com a presença de mulheres como Dandara, guerreira e liderança do Quilombo de Palmares e Maria Felipa de Oliveira, heroína da Independência do Brasil. Hoje, temos nomes fortes, reconhecidos pelo mundo inteiro como os da Mestra Gegê (Aluandê), a Mestra Nani (CECA), a Mestra Janja (Nzinga), a Mestra Elma (Nzambi) a Mestra Di (Luz Di Angola) dentre outras grandes mestras. Outras tantas capoeiristas, com e sem títulos de maestria, contribuem para manter viva essa manifestação tradicional.

Ao falarmos sobre Gênero, nos baseamos na ideia da Judith Butler (2003), a qual conceitua o termo como uma construção cultural que, inclusive, constitui nossa compreensão sobre a biologia dos corpos. Simone de Beauvoir (1970) diz “não se nasce mulher, torna-se”! Esta frase vem ao encontro com Butler, afirmando que é necessário ir para além da genitália para se reconhecer como sujeito de gênero. Esse conceito, nos faz pensarmos sobre as questões de gênero na Capoeira Angola.

Apesar do processo de construção de suas subjetividades a partir de suas histórias,

muitas praticantes têm em comum a conquista e permanência no espaço da Capoeira, pois, assim como em qualquer lugar, o machismo estrutural opera para que as práticas corporais, principalmente esportivas, sejam destinadas aos homens. Antigamente, a mulher que se entregava para a Capoeira nas ruas era discriminada e “malvista”. “Enquanto os homens capoeiras eram intitulados como, destemidos, fortes, dotados de agilidade, a mulher é vista como “valentona e briguenta”, adjetivos pejorativos de cunho inferior relacionado a questões emocionais” (VITÓRIA, 2015, p. 113).

Contudo, atualmente, a presença, ocupação e prática da Capoeira por mulheres contribui para desconstruir representações que a inferiorizam e subjugam. Dessa forma, para o recorte ora apresentado, objetivamos descrever como mulheres praticantes de Capoeira Angola de um grupo sediado em um município do estado de Minas Gerais representam a prática e se reconhecem como capoeiristas.

## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

Para os propósitos deste texto, apresentamos as respostas de quatro (4) mulheres, praticantes de Capoeira Angola de um grupo sediado em um município do interior do estado de Minas Gerais. Cada participante recebeu, leu e assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

Como instrumento para a geração de dados, utilizamos um roteiro de entrevista estruturada que foi conduzida de forma remota, devido à época de isolamento social deflagrada pela pandemia de COVID-19. Desse roteiro, destacamos as respostas das mulheres à questão: “Como você se reconhece sendo Capoeirista?”.

Nas análises que seguem atribuímos um nome fictício para cada participante, protegendo sua integridade e garantindo o anonimato. Os nomes escolhidos remetem a alguns instrumentos que compõem uma roda de Capoeira: Cabaça, Pandeiro, Berimbau e Atabaque.

## **Resultados e discussão**

Ao indagarmos as angoleiras a partir da questão: “Como você se reconhece sendo Capoeirista?”, foram expressos diversos sentimentos em suas respostas. Muitos deles relacionados a Capoeira para além de uma “prática”, mas como um espaço formativo de produção de identificações e subjetividades. Para Silva (2000), a identidade é uma produção cultural que depende da linguagem e significados atribuídos por determinado grupo.

Cabaça, por exemplo, relata que foi estudando e entendendo que, para ser capoeirista, é estar além dos treinos de movimentação do corpo, mas, se dedicar na vivência de uma forma

“geral”, sendo elas: movimentação corporal, musicalidade, historicidade, se ver como capoeirista na vida fora do ambiente da Capoeira (trabalho, casa, rua etc.).

Essa amplitude em se pensar a Capoeira Angola, vai ao encontro do que afirma Rosângela Araújo, que nos permite compreendê-la como:

auto-realização, paixão, perseverança, sabedoria, crescimento espiritual, identidade, etc. são alguns conceitos presentes ao cotidiano na prática filosófica dos angoleiros, diluindo em aprendizagens corporais, musicais, políticas e de relacionamentos. Como já dissemos, é este o espaço privilegiado ao grupismo, e que toma o sujeito individual nas suas relações próximas e regulares nas representações e práticas que vivencia, e processando o cotidiano como lugar de poder e potência. Ou seja, são indivíduos orientando-se no reconhecimento do jogo infinito. (ARAÚJO, 1999, p. 112).

Pandeiro, acha que está no caminho, se tornando capoeirista, passando a ideia de que “ser” capoeirista é uma processualidade. Acredita que esse processo é muito longo. Falcão (2004) diz “seja lá o que ela for, a capoeira é, sendo. Ou seja, ela é, irremediavelmente, movimento, uma unidade de complexidade e processualidade”.

Atabaque nos relatou que esse processo é um caminho de reivindicação de identidade, pois, a partir do grupo no qual faz parte, existem códigos, narrativas, estéticas e costumes que possibilitam a identificação como capoeirista. No decorrer dos treinos, no movimento do grupo para realização de encontros festivos e da cobrança/ensinamentos do mestre ao explicar a importância da Capoeira em suas vidas, ela sentiu que o “bichinho da Capoeira” picou-a. Esse processo durou quase 2 anos, para que pudesse falar “sou angoleira”.

Essa processualidade, que parece acompanhar algumas das vivências das mulheres participantes, se destaca na representação de Agogô. Para ela, pelo fato de ter participado de poucas rodas de Capoeira, é difícil se “enxergar” como capoeirista. Agogô, sente que a Capoeira a *convoca* desde a primeira vez que fez a aula experimental, chegou a pensar “Nossa, acho que isso casa comigo”.

Berimbau declarou que não existe um momento exato para se reconhecer como capoeirista. Mas, com uma série de “acontecimentos capoeirísticos” somados, ela percebe que a Capoeira Angola está em seu corpo. Berimbau, relaciona esse percurso com “um portal ao final do caminho formativo”, sendo esse portal o dispositivo que a nomeará como capoeirista.

A Capoeira Angola pode ser também associada a cosmovisão, corporeidade e ancestralidade. Menezes (2020) traz em um determinado texto que:

(...) observa-se que o contexto em que a capoeira surge no Brasil, fica nítido que a gramática corporal dos/das capoeiristas conseguiram gerar um discurso que

atravessou a colonização, mesmo com muitas dificuldades, por meio da expressão da corporeidade. Essas expressões da corporeidade são histórias que o corpo carrega trazendo ideias para fora. Nossos corpos são corpos que carregam memória e trazem registros que são individuais e também registros que são coletivos e falam sobre as nossas ancestralidades. (MENEZES, 2020, p. 69).

A participante relata também que o caminho em direção a esse portal é repleto de desafios relacionados ao pertencimento, fato que a faz questionar: “Quem sou eu?”, “Como quero seguir?”, “Com quem quero ir?”. Uma série de perguntas para consigo mesma desde o primeiro contato com a Capoeira. Tal fato nos remete a pensar a processualidade capoeirística como um processo de produção de si que supera a tecnicidade da prática.

Ivanildes Sena (2015) utiliza o termo *Corpo Encapoeirado*, relacionado aos estudos de gênero e “raça” na Capoeira Angola. O corpo encapoeirado, trata de diferentes diálogos de corpos, tendo como principal papel questionar a representação pré-estabelecida. Dessa forma, para enfrentar essa barreira cultural é necessário compreender a processualidade da Capoeira na produção de si, indo além dos movimentos técnicos e refletir sobre o *Corpo Encapoeirado* como uma espécie de ritual para a construção de si, da subjetividade de mulheres praticantes.

Berimbau argumenta que a Capoeira é uma vivência muito voltada para o coletivo e possibilitou “se enxergar” fora das regras morais da família e religião. Nesse sentido, parece que a prática da Capoeira produz percepções internas que permitem “sair do lugar”, se colocar em um movimento constante: colocar o corpo de cabeça pra baixo, experimentar um novo jeito de ver a vida, conhecer pessoas com perspectivas diferentes das suas e ver perspectivas diferentes daquela que foram acessadas até hoje. Podemos fazer um comparativo com os valores civilizatórios da cultura africana e afro-brasileira (energia vital, ludicidade, ancestralidades, corporeidade, musicalidade, comunitarismo, religiosidade, oralidade e circularidade), valores estes que se articulam com o “tronar-se” a expressão mulher capoeirista.

A Capoeira ajudou-a a encontrar essa potência dentro de si. Berimbau cita: “aí quando você reconhece essa potência, você fala, ‘nossa, eu sou capoeirista’. Porque é como se você tivesse falado assim ‘tô com uma outra prontidão pra viver agora’. Quando faz uma releitura de si. É então nesse momento que você percebe que virou uma capoeirista.” Domenico (2016, p. 217) cita Deleuze (1968), enfatizando a potencialidade do que pode um corpo:

Propõe pensar o corpo não como substância, mas como modo, pela sua cinética e dinâmica, com suas relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão (longitude). O corpo afeta e é afetado por outros corpos (latitude), tem um poder de afetar e um poder de ser afetado. Neste processo, há afecções ativas e afecções passivas, uma potência de agir e uma potência de sofrer (DELEUZE, 1968: 110). É

necessário, então, fazer uma cartografia do corpo, na qual sua natureza se dá pelos agenciamentos de movimentos e afetos, por sua longitude e latitude. O corpo ultrapassa a consciência, bem como expressa a multiplicidade de afecções.

Transcrevendo suas concepções sobre ser ou não ser capoeirista, é possível enxergar o “endeusamento” e a responsabilidade ética com a história da Capoeira, por ser algo ancestral. Devido a essa responsabilidade ética, algumas mulheres não se reconhecem como capoeiristas, pois, há um “peso” histórico de tradição, ensinamentos e modos de viver/ver o mundo da Capoeira. Em contrapartida, outras mulheres enxergam esse endeusamento como construção da sua subjetividade para uma melhoria individual e social.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Antes do reconhecimento como capoeirista, é necessário compreender “o que é Capoeira”, “qual o impacto da história da Capoeira em suas vidas”, entre diversos questionamentos que aparecem no decorrer da vivência nessa prática corporal.

A história da Capoeira é um reflexo da sociedade antigamente até nos dias de hoje, ou seja, o protagonismo dos homens no poder, dificultando a inserção das mulheres nesses meios. Visualizar a presença de mulheres nesses espaços, falando sobre si e por si mesmas, é fundamental para combater e desconstruir práticas e valores machistas que permeiam os diversos espaços de nossa sociedade, dentre eles, os destinados às práticas corporais e/ou esportivas como a Capoeira Angola.

Assim como a Capoeira resistiu e ainda resiste para ser reconhecida como cultura viva no Brasil, as mulheres resistem para serem reconhecidas e respeitadas como capoeiristas!

Se identificar como capoeirista, foi entendido pelas participantes como um reconhecimento de valores, de se sentir bem e “capaz” em estar naquele ambiente, dando seguimento e melhorando a cultura tradicional, sendo, então, algo inacabável.

“Ser”, ou melhor, “tornar-se” capoeirista é aceitar estar em constante aprendizado ético, moral, histórico, social, político etc. Uma formação subjetiva que potencializa a subjetividade. Não está relacionada unicamente a um procedimento técnico, mas um espaço de identificação em trânsito, uma identidade de resistência, ou seja, marcar seu lugar de fala.

Vale ressaltar que para além da consideração da ética da cultura cosmoafricana que, por consequência, é enfatizada nas relações políticas, religiosas, estéticas e demais aspectos que envolvem a coletividade, no caso a Capoeira Angola as mulheres praticantes por nós interpeladas parecem sentir certa dificuldade em se reconhecerem como capoeiristas.

Para finalizar, os motivos que levam mulheres ao reconhecimento como capoeiristas fazem parte de um processo formativo de subjetividades, envolvendo dedicação, vontade, tempo, paciência, reconhecimento, ética, moral etc. Ou seja, a Capoeira como uma fonte para o autoconhecimento, inacabável e potencializante, que precisa ser cuidada e valorizada apesar de suas constantes ressignificações.

## AGRADECIMENTOS

O presente trabalho está em fase de finalização e conta com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Rosângela Costa. **Sou discípulo que aprende, meu mestre me deu lição**: tradição e educação entre os angoleiros bahianos (anos 80 e 90). Dissertação (Mestrado). São Paulo: Faculdade de Educação/USP, 1999.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BRASIL. **Decreto Nº 847, 11 de outubro de 1890**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1851-1899/D847.htmimpressao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/D847.htmimpressao.htm). Acesso em: 28 de jun. de 2022.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FALCÃO, José Luiz Cirqueira. **O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana**. Tese de Doutorado. Salvador: UFBA-Educação, 2004.

HUR, Domenico Uhg. Poder e potência em Deleuze: forças e resistência. **Mnemosine**, v. 12, n. 1, p. 210-232 <http://mnemosine.com.br/ojs/index.php/mnemosine/article/view/490>. Acesso em: 08 de jul. de 2022.

DE OLIVEIRA MENEZES, Leticia. Pode uma subalterna gingar? A epistemologia das mulheres pretas capoeiristas. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 20, n. 225, p. 63-71, 2020.

SENA, Ivanildes Teixeira de. **No ventre da capoeira, marcas de gente, jeito de corpo**: um estudo das relações de gênero na cosmovisão africana da capoeira angola. 2015. 150 p. Dissertação (Mestrado em crítica cultural) - Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

DA VITÓRIA, Andréia. A Malta de Saias Ginga na UFRN: desconstruindo o machismo na roda viva. **Revista INTERFACE** – Natal/RN – v. 12, nº 2, jul./dez. 2015.